

Análise da relação entre perfil sócio demográfico da comunidade local e o grau de apoio ao desenvolvimento da atividade turística

Victor Hugo da SILVA¹
Márcio Marreiro das CHAGAS²

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar o perfil sócio demográfico dos residentes da Praia da Pipa (Tibau do Sul/RN), destino internacionalmente conhecido, e sua influência relacionada aos níveis de apoio ao desenvolvimento turístico local. Para isso, foi desenvolvida uma investigação exploratório-descritiva, com abordagem quantitativa, caracterizada ainda como *survey*, de corte transversal. O processo amostral foi probabilístico, com o sujeito escolhido de modo aleatório simples. O instrumento de coleta de dados foi o formulário, em escala métrica de 10 pontos. A análise dos 298 formulários coletados foi realizada por meio de estatísticas descritivas, em especial o *cross tabulation*. Dos resultados, observou-se que o nível de apoio ao turismo é afetado pelas características sócio demográficas, tais como gênero, idade, nível de escolaridade, tempo de residência na comunidade e nível de relacionamento laboral com a atividade turística.

Palavras-chave: Perfil Sócio demográfico; Apoio ao turismo; Comunidade local; Praia da Pipa/RN.

1 Introdução

Murphy e Watson (1995) acreditam que o Turismo é visto como uma alternativa de fomento para o crescimento da economia local. Ao mesmo tempo, Williams e Lawson (2001), asseveram que a abordagem baseada na comunidade local é necessária para compreender o turismo sob a perspectiva do residente, desde a sua gestão até seu desenvolvimento (Lepp, 2007; Haralambopoulos & Pizam, 1996; Yoon et al., 2001; Kim et al., 2013; Andereck et al., 2005; Liu et al., 1987).

O apoio dos residentes é fundamental para o desenvolvimento, operacionalização e sustentabilidade do turismo, fatores esses que são diretamente dependentes da colaboração entre os envolvidos (Vargas-Sánchez et al., 2011; Aguiló & Roselló 2005; Sheldon & Abenoja 2001; Garrod & Fyall 1998; Ap 1992). A percepção dos residentes sobre os impactos do turismo e suas inter-relações são influenciadas, entre outros fatores, pelo apego à comunidade (Mccool & Martin, 1994; Um & Crompton, 1987; Sheldon & Var, 1984). Desse modo, uma vez que as atitudes dos moradores se tornem favoráveis ao turismo, eles tenderão a apoiar o desenvolvimento da atividade e logo serão mais receptivos com os

¹ Turismólogo. Mestrando em Turismo no PPGTUR/UFRN. <http://lattes.cnpq.br/8072651064377855>. E-mail: victor_sector7@hotmail.com.

² Doutor em Administração (PPGA-UFRN), Mestre e Graduado em Turismo (PPGTUR-UFRN). Coordenador de Pesquisa e Inovação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN-Campus Canguaretama). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7927840772466317>. E-mail: marcio_marreiro@yahoo.com.br.

turistas. Assim sendo, deve-se focar nos residentes para o adequado desenvolvimento, no que diz respeito ao desenvolvimento do turismo (Choi & Sirakaya, 2005).

Destarte, entender as reações dos residentes a respeito do desenvolvimento do turismo e os fatores que podem influenciar essas reações é de extrema importância para compreender o apoio da comunidade para o desenvolvimento da atividade. De acordo com a literatura é perceptível que variáveis de âmbito sócio demográfico impactam fortemente essas percepções e reações. A relevância é tamanha que diversos estudos têm sido desenvolvidos ao longo dos anos, tais como Haralambopoulos e Pizam (1996), Kuvan e Akan (2005), Gursoy e Rutherford (2004), entre inúmeros outros.

Desse modo, como afirmado, os impactos percebidos podem variar de acordo com os anos de residência na área turística (Gursoy & Rutherford, 2004; Gursoy et al., 2010; Allen, Hafer, Long & Perdue, 1993), com o gênero (Kuvan & Akan, 2005; Harvey, Hunt & Harris, 1995; Mason & Cheyne, 2000; Nunkoo & Gursoy, 2012; Ritchie, 1988), com a idade (Huh & Vogt, 2008; Ritchie, 1988; Sheldon & Abenoja, 2001), com o grau de escolaridade (Haralambopoulos & Pizam, 1996; Hernández et al., 1996; Teye et al., 2002; Sheldon & Abenoja, 2001), se o indivíduo tem dependência econômica do setor turístico (Haralambopoulos & Pizam, 1996; Kuvan & Akan, 2005) entre outros fatores. Assim, observa-se que esses são fatores importantes na hora de determinar as opiniões dos residentes (Murphy, 1985).

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo analisar se há variação nos níveis de apoio ao desenvolvimento turístico local decorrentes ou associados a aspectos relacionados ao perfil sócio demográfico da comunidade local da Praia da Pipa (Tibau do Sul/RN). Deste modo, tenta corroborar na mesma linha teórica dos autores citados no parágrafo anterior, ou seja, no exame do perfil demográfico dos residentes de Pipa e suas relações com o apoio deles ao desenvolvimento da atividade turística no município.

2 Referencial teórico

2.1 Impactos percebidos

De acordo com a literatura, no que diz respeito aos impactos percebidos pelos residentes, há uma predominância dos estudos sobre os impactos econômicos do turismo na comunidade (Yoon et al., 2001; Lepp, 2007; Haralambopoulos & Pizam, 1996). Além disso, cabe destacar também o interesse em âmbito cultural (Turker & Ozturk, 2013; kim et al., 2013; Andereck & Nyaupane, 2011), social (Andereck et al., 2005; Liu et al., 1987; Yoon et al., 2001) e ambientais (Brunt & Courtney, 1999; Bujosa & Rosselló, 2007).

As relações entre a percepção dos moradores sobre os impactos do turismo e o apoio dado por eles foi analisado por Perdue, Long e Allen (1990). E, a partir do trabalho deles, observou-se que quando existem benefícios pessoais obtidos do desenvolvimento do turismo, os moradores apoiam a atividade, buscando as benesses econômicas advindas dela.

No que tange à teoria das trocas sociais, Sutton (1967) a reconhece como uma característica intrínseca das relações que se dão em meio ao encontro entre o turista e o residente, quando inseridos na atividade turística, ou seja, as interações sociais da viagem. O encontro "*may provide either an opportunity for rewarding and satisfying exchanges, or it may stimulate and reinforce impulses to exploitation on the part of the host and, to suspicion and resentment on the part of the visitor*" (Sutton, 1967, p. 221).

Desse modo, a teoria da troca social sugere que há maior probabilidade dos residentes apoiarem o desenvolvimento do turismo enquanto os benefícios dessa atividade excederem os custos (Skidmore, 1975; Lee et al., 2010; Nunkoo & Ramkissoon, 2010; Ap, 1992). Tais pesquisadores analisaram os fatores compartilhados nessa troca, por parte dos residentes, incluindo fatores econômicos, sociais e ambientais. Da análise, os autores concluem que os residentes estão mais propensos a perceber positivamente o turismo uma vez que observam ganhos em potencial (Ap, 1992). Dessa forma, as dimensões econômicas, sociais, culturais e ambientais foram identificadas, na literatura, como as vertentes que afetam as percepções dos residentes (Andereck et al., 2005; Liu et al., 1987; Yoon et al., 2001; Long, Perdue & Allen, 1990; Andereck & Nyaupane, 2011).

2.2 Apego

O apego à comunidade pode ser conceituado como um conjunto de laços emocionais ou relações afetivas de um indivíduo a/em um determinado lugar (Goudy, 1990; Jurowski, 1994; Fried, 1963; Fried, 2000; Giuliani, 2002). Além disso, existe não só uma nova maneira intrínseca aos fatores naturais, relacionando-se com os valores que os residentes associam ao lugar, seja o meio ambiente natural ou construído pelo homem (Williams, Patterson, Roggenbuck & Watson, 1992), como também as ligações emotivas que se inter-relacionam através da perspectiva do indivíduo (Williams & Lawson, 2001). Desse modo, o apego ao lugar aparece como um tema presente em diversas investigações em turismo, em especial no que diz respeito à compreensão da perspectiva do residente (Walker & Ryan, 2008).

O apego ao lugar é um vínculo ou ligação afetiva entre pessoas e lugares específicos (Hidalgo & Hernandez, 2001). Kyle et al (2004) também traz o apego ao lugar como o processo pelo qual os seres humanos formam laços emocionais com lugares. Dito de outro modo, o sentimento de se sentir "no lugar" ou "em casa".

É possível afirmar que o apego a comunidade está mais relacionado com a escolha do lugar para residir, de acordo com um conjunto de atributos desejados, e não só pela existência de um círculo de relações sociais (Mason & Cheyne, 2000; McCool & Martin, 1994; Williams, Patterson, Roggenbuck & Watson, 1992). Além disso, observa-se que os novos residentes têm uma visão mais negativa em relação ao desenvolvimento do turismo na comunidade do que os nativos, pois querem que a região permaneça como era quando a escolheram para viver (Ayers & Potter, 1989; Goudy, 1977).

2.3 Relações entre aspectos sóciodemográficos, percepção de impacto, apego e apoio

Ao observar uma comunidade e entender o conjunto de atitudes nela tomada é fundamental considerar o contexto em que se originou (Pearce, Moscardo & Ross, 1996) e as características sócio demográficas da população (Brougham & Butler, 1981; Ritchie, 1988). Alguns dos motivos que influenciam as atitudes e percepções que os residentes têm sobre o desenvolvimento turístico variam de acordo com o grau de envolvimento dos indivíduos na atividade, o gênero dos residentes, o tempo de residência na comunidade, entre outros. Variando, então, o posicionamento do indivíduo a respeito de cada uma das diversas perspectivas e abordagens.

Nas comunidades compostas por uma população nativa e outra população não nativa existem diferenças significativas entre ambos os grupos no que diz respeito a percepção e atitudes em relação ao turismo (Besculides et al., 2002; Canan & Hennessy, 1989; Um & Crompton, 1987). Diversas investigações têm encontrado essas diferenças nas atitudes e percepção dos impactos do turismo de acordo com o tipo de residente, se são nativos ou não nativos (Perdue, Long & Allen, 1990).

As distintas percepções dos impactos acontecem, também, devido às variáveis sociodemográficas. Desta maneira, faz-se relevante destacar que os impactos percebidos variam de acordo com diversos aspectos relacionados ao perfil da comunidade local, com os anos de residência na área turística (Gursoy & Rutherford, 2004; Gursoy et al., 2010; Allen, Hafer, Long & Perdue, 1993), por exemplo. Como também se o indivíduo tem dependência econômica do setor turístico (Haralambopoulos & Pizam, 1996; Kuvan & Akan, 2005), ou quando é impacto pelo gênero (Kuvan & Akan, 2005; Harvey, Hunt & Harris, 1995; Mason & Cheyne, 2000; Nunkoo & Gursoy, 2012; Ritchie, 1988), pela idade (Huh & Vogt, 2008; Ritchie, 1988; Sheldon & Abenoja, 2001), ou pelo o grau de escolaridade (Haralambopoulos & Pizam, 1996; Hernández et al., 1996; Teye et al., 2002; Sheldon & Abenoja, 2001). Esses são fatores importantes na hora de determinar as opiniões dos residentes (Murphy, 1985).

3 Metodologia da pesquisa

No que diz respeito à metodologia utilizada no trabalho, essa investigação caracteriza-se como exploratória e descritiva, com uma abordagem analítica quantitativa, de corte transversal, do ainda caracterizada como do tipo *survey*. A população de interesse dessa investigação foi constituída pela comunidade local da Praia da Pipa, que está situada no litoral sul, no município de Tibau do Sul, no estado do Rio Grande do Norte, a 88 km da capital Potiguar, Natal/RN.

Realizada de modo probabilístico, a escolha do sujeito foi realizada por meio do método aleatório simples. No presente estudo, utilizou-se a fórmula matemática sugerida pela OMT (2005) como base para o cálculo amostral, sendo esta representada como: $n = \frac{\sigma^2 \cdot p \cdot q \cdot N}{e^2 \cdot (N-1) + \sigma^2 \cdot p \cdot q}$ (OMT, 2005). Nesse cálculo matemático, “n” representa o tamanho da amostra, “ σ^2 ” o nível de confiança estimado em 95% (calculado em dois desvios

padrões), “p” sendo o percentual pelo qual o fenômeno é encontrado, “q” a percentagem complementar (50%) (Hair, Anderson, Tatham & Black, 2006; Reidy & Dancey, 2006), “e²” o erro máximo aplicado que foi 5% (Corrar, Paulo & Dias Filho, 2007) e, também, “N” constituindo a população, de aproximadamente 10.000 habitantes. Sendo assim, com o suporte obtido pela fórmula, chegou-se ao total de 264 observações necessárias para que se valide os objetivos do estudo. Um total de 298 questionários válidos foi recolhido, 20 a mais do que o previsto pela fórmula.

A coleta de dados teve como instrumento o formulário, em escala métrica de 10 pontos, no qual [01] indicava discordância total e [10] a plena concordância. O formulário foi dividido em 5 blocos, com afirmações referentes a percepção dos impactos positivos e negativos, apego ao lugar, imagem do destino, apoio ao desenvolvimento turístico da comunidade e características sócio demográficas.

As variáveis manifestas da dimensão impactos positivos e negativos foram baseadas em Yoon et al., (2001), Lepp (2007), Haralambopoulos e Pizam (1996), Turker e Ozturk (2013), Kim et al. (2013), Andereck e Nyaupane, (2011), Andereck et al. (2005), Liu et al. (1987), Brunt e Courtney, (1999), Bujosa e Rosselló (2007), enquanto que as do apego ao lugar foram adaptadas dos estudos de Mason e Cheyne (2000), Mccool e Martin (1994), Williams, Patterson, Roggenbuck e Watson (1992). Já as variáveis da imagem do destino foram baseadas em San Martín e Rodríguez del bosque (2008), Baloglu e Mccleary (1999), Prayag (2010) e Prayag e Ryan (2011). E, por último, o apoio encontrado em investigações como as de Lepp (2007), Haralambopoulos e Pizam (1996), Yoon et al. (2001), Kim et al. (2013), Andereck et al. (2005) e Liu et al. (1987). No entanto, cabe ressaltar que a análise dos se concentra na dimensão sócio demográfica e de apoio ao desenvolvimento turístico local.

A coleta de dados ocorreu no período entre os dias 12 de março e 01 junho de 2016, com um total de 298 formulários válidos. Após esse procedimento, os dados coletados foram transcritos para o software *Statistical Package for Social Science* (SPSS 22.0), onde foram realizadas as análises dos dados utilizando-se tabulação cruzada dos dados sócio demográficos com o apoio dos residentes ao desenvolvimento da atividade turística.

4 Discussão dos resultados

4.1 Perfil sóciodemográfico dos respondentes

A amostra do estudo, no que diz respeito ao gênero, obteve predominância do feminino (54,7%). A faixa etária com maior percentual de respondentes se concentrou entre 35 e 44 anos (32,9%), seguida por aqueles que indicaram pertencer ao grupo entre 25 e 34 anos (30,5%). O nível de escolaridade com maior representatividade na amostra foi o ensino médio incompleto (22,5%). O ensino médio completo e o fundamental completo obtiveram percentuais aproximados, ou seja, 15,8% e 14,5%, respectivamente. Um valor que merece destaque é o percentual de moradores com nível superior completo, apenas 3,4% da amostra, inferior, inclusive, ao percentual de residentes que não possuem formação escolar

(12,1%). Resumo detalhado do perfil sócio demográfico da amostra pode ser observado na Tabela 01.

Tabela 01: Perfil sócio demográfico dos residentes.

Características	Amostra N= 298	Média	Desvio Padrão	Assimetria	Curtose
Gênero		1.55	.499	-.190	-1.977
Masculino	45.3				
Feminino	54.7				
Idade		3.77	1.236	.420	-.039
Menos de 18	0.7				
18-24	13.4				
25-34	30.5				
35-44	32.9				
45-54	11.4				
55-64	8.7				
Escolaridade		4.83	2.300	-.283	-1.025
Sem formação	12.1				
Básico incompleto	11.7				
Básico Completo	7.0				
Fundamental Incompleto	6.4				
Fundamental Completo	14.5				
Médio incompleto	22.5				
Médio completo	15.8				
Superior incompleto	6.4				
Superior completo	3.4				
Tempo de residência na comunidade		3.60	1.154	-.229	-1.017
Menos de 01 ano	2.7				
01-07	15.8				
08-20	30.5				
21-30	20.5				
31 ou mais	30.5				
Vínculo da ocupação com a atividade turística		1.45	.613	1.031	-.029
Relacionada com o turismo	61.4				
Sem relação com o turismo	32.2				
Não sabe informar	6.4				

Fonte: Dados do estudo, 2016.

Já com relação ao tempo de residência na comunidade, foi possível verificar que a maioria dos respondentes reside a bastante tempo nela. Em outras palavras, a Tabela 02 aponta que 30,5% dos entrevistados residem na localidade a mais de 31 anos, mesmo percentual dos que vivem entre 08 e 20 anos. As pessoas que vivem local entre 21 e 30 anos corresponde a 20,5%, ao passo que 15,8% asseveraram residir na Praia da Pipa entre 01 e 07 anos. Apenas 2,7% da amostra afirmou morar no local a menos de 01 ano. Por último, cabe destacar também que 61,4% dos indivíduos entrevistados confirmaram trabalhar em alguma atividade relacionada com o turismo, enquanto que 32,2% afirmaram o contrário e 6,4% indicaram não saber informar. Concluída a análise introdutória do perfil sócio demográfico da amostra, é relevante tratar da relação entre o perfil e o grau de apoio ao desenvolvimento turístico da Praia da Pipa.

4.2 Análise do cruzamento entre perfil sócio demográfico e apoio ao desenvolvimento turístico

Nesta parte da discussão foi desenvolvido o cruzamento entre o perfil sócio demográfico e o apoio ao desenvolvimento turístico e analisado os resultados desta tabulação cruzada de informações. Estas informações podem ser observadas na Tabela 02.

Dos resultados da tabela mencionada, observou-se que a maioria dos respondentes que apoiam fortemente o desenvolvimento da atividade turística são do gênero masculino com 61,4%, em comparação a 57,7% do sexo feminino. A literatura da área demonstra, como anteriormente discutido no referencial teórico, que o gênero influencia direta e indiretamente no apoio dos residentes, relativo ao desenvolvimento da atividade turística (Kuvan & Akan, 2005; Harvey, Hunt & Harris, 1995; Mason & Cheyne, 2000; Nunkoo & Gursoy, 2012; Ritchie, 1988). O estudo de Nunkoo e Gursoy (2012) afirma que o gênero é um indicador que pode ser utilizado para analisar tanto as atitudes positivas, quanto as negativas. Desse modo, em consonância com Nunkoo e Gursoy (2012), o estudo concluiu que as mulheres da amostra são mais suscetíveis a perceber os impactos negativos da atividade turística, e em decorrência disso, apoiando em menor nível o desenvolvimento do turismo.

Além destes, Mason e Cheyne (2000), ao investigar áreas rurais da Nova Zelândia, atestam que o gênero feminino é menos favorável ao desenvolvimento da atividade do que as pessoas o gênero masculino em virtude dos impactos negativos percebidos, tais quais como: congestionamentos, barulho e criminalidade. Nesse sentido, o resultado mostrou, que os homens demonstram maior suporte ao desenvolvimento da atividade turística. Esse resultado, no entanto, difere do encontrado no estudo de McCool e Martin (1994), pois estes asseveram que o gênero feminino tem atitudes mais favoráveis em relação ao desenvolvimento do turismo. Harrill e Potts (2003) afirmam que essas atitudes positivas são decorrentes dos benefícios econômicos advindos da atividade. Portanto, nesse estudo, não é confirmada a assertiva que indica ser o gênero feminino aquele com maior propensão para apoiar o desenvolvimento da atividade. Nesta perspectiva, de todo modo, cabe interpretar também as inter-relações observadas nos estudos de Mason e Cheyne (2000), pois estas proporcionam um relevante diálogo entre os fatores motivacionais intrínsecos que levam os residentes de diferentes gêneros a apoiar ou não o desenvolvimento do turismo.

Tabela 02: Tabela cruzada do perfil sócio demográfico e apoio ao desenvolvimento turístico

Características	Discordo fortemente		Discordo		Nem concordo, nem discordo		Concordo		Concordo fortemente	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Gênero										
Masculino	7.4	1.5	3.0	3.0	0.7	1.5	6.7	14.8	17.0	44.4
Feminino	6.7	4.9	3.1	0.6	1.2	3.1	9.2	13.5	17.2	40.5
Faixa etária										
Menos de 18	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100	0,0	0,0

18-24	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	15.2	22.5	10.0	55.0
25-34	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1.1	5.5	14.7	19.8	54.9
35-44	6.1	0,0	0,0	0,0	3.1	0,0	10.2	11.2	20.4	49.0
45-54	17.6	11.8	8.8	2.9	0,0	14.7	5.9	8.8	14.7	14.7
55-64	23.1	19.2	15.4	11.5	0,0	3.8	7.7	0,0	14.5	3.9
Mais de 65	42.9	14.3	28.6	14.3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Escolaridade										
Sem formação	16.7	25.0	19.4	11.1	0,0	0,0	11.1	2.2	11.1	2.8
Básico incompleto	25.7	2.9	5.7	2.9	0,0	0,0	17.1	20.0	2.9	22.9
Básico completo	9.5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4.8	19.0	28.6	38.1
Fundamental incompleto	10.5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0		26.3	15.8	47.4
Fundamental completo	4.5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	15.9	25.0	13.6	40.9
Médio incompleto	0,0	0,0	0,0	0,0	1.5	3.0	3.0	9.0	19.4	64.2
Médio completo	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	6.4	2.1	8.5	21.3	61.7
Superior incompleto	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	10.5	5.3	15.8	21.1	47.4
Superior completo	0,0	0,0	0,0	0,0	67.7	0,0	8.3	2.4	7.8	0.8
Tempo de residência na comunidade										
Menos de 01 ano	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	37.5	25.0	37.5
01-07	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4.3	6.4	36.2	53.2
08-20	0,0	0,0	0,0	0,0	1.1	1.1	6.6	17.6	17.6	56.0
21-30	6.6	0,0	0,0	0,0	0,0	8.2	14.8	21.3	11.5	37.7
Mais de 31	18.7	11.0	9.9	5.5	2.2	1.1	7.7	7.7	9.9	26.4
Vínculo da ocupação com a atividade turística										
Relacionado com o turismo	3.3	1.1	0,0	0,0	0.5	0,0	8.2	12.0	18.0	54.6
Sem relação com o turismo	12.5	4.2	6.3	4.2	2.1	6.3	6.3	17.7	15.6	25.0
Não sabe informar	15.8	21.1	0,0	0,0	0,0	5.3	15.8	15.8	15.8	10.5

Fonte: Dados do estudo, 2016.

Em consonância com esses dados, a maioria dos respondentes que apoiam fortemente o desenvolvimento do turismo está na faixa etária compreendida entre 25 e 34 anos, resultado que é corroborado pelas investigações de Huh e Vogt (2008), Ritchie (1988) e Sheldon e Abenoja (2001), afirmando que na idade adulta os residentes têm atitudes mais favoráveis em relação ao turismo por acreditar nas benesses econômicas da atividade. Esta conclusão leva a acreditar, como afirma também a literatura, que a idade dos residentes pode influenciar suas atitudes para o desenvolvimento do turismo (Harrill, 2004; Cavus & Tanrisevdi, 2002; Sinclair-Maragh et al., 2015). Segundo Tomljenovic e Faulkner (2000), residentes mais velhos tendem a ser mais inclinados a perceber positivamente os impactos do turismo do que os residentes mais novos. Corroborando com esse estudo, McGehee e Andereck (2004) ao estudarem diversas comunidades no Arizona, confirmam a perspectiva que não só os residentes mais velhos estão mais propensos a ver os impactos do turismo positivamente, e não logo observar menos rigorosamente os impactos negativos. De qualquer maneira, Cavus e Tanrisevdi (2002), ao pesquisar a comunidade de Kusadasi na Turquia, afirmam que os residentes mais velhos percebem mais negativamente os impactos do turismo do que os residentes mais novos.

Sob essa ótica, Huh e Vogt (2008) reiteram que a idade é uma variável que vai se alterando, e modificando as atitudes dos residentes conforme o tempo passa. Por exemplo, os autores afirmaram que os adultos são mais favoráveis ao desenvolvimento do turismo por acreditar nas benesses econômicas da atividade, como: aumento do número de empregos, aumento da renda, mais oportunidades de poder empreender, dentre outros. E à medida que vão se tornando mais velhos, suas atitudes no que diz respeito ao desenvolvimento da atividade turística vão se tornando menos favoráveis.

Além disso, a análise dos dados mostra, também, que 83,6% dos residentes que apoiam fortemente o desenvolvimento do turismo tem ensino médio incompleto, número esse que está muito próximo dos 83,0% dos residentes que têm ensino médio completo, em concordância com Haralambopoulos e Pizam (1996), Hernández et al.(1996), Teye et al.(2002) e Sheldon e Abenoja (2001), afirmando que quanto maior o nível de escolaridade, maior a propensão a acreditar nos benefícios advindos do turismo e, conseqüentemente, apoiar o desenvolvimento da mesma, embora haja diferença quando se observa aqueles com nível superior completo. Os estudos de Haralambopoulos e Pizam (1996) e Teye, Sonmez e Sirakaya (2002) indicam que residentes com um nível de ensino mais elevado tendem a perceber positivamente os impactos da atividade turística. Entretanto, outra perspectiva é apontada por Andriotis & Vaughan (2003), uma vez que estes corroboram com a ideia de que os residentes com níveis mais avançados de ensino têm uma atitude menos favorável, no que diz respeito ao apoio do desenvolvimento do turismo, do que aqueles com um nível médio ou moderado de instrução formal. Sheldon e Abenoja (2001), na investigação realizada em North Wales, constataram que os residentes com níveis mais elevados de escolaridade se preocupam mais com questões relativas à poluição ambiental do que aqueles com níveis menores de escolaridade.

Ademais, residentes que vivem de 01 e 07 anos na comunidade são os que mais apoiam fortemente o turismo, com índice de apoio de 89,4%. Allen, Hafer, Long e Perdue (1993) alegam que o tempo de residência na comunidade não influencia na percepção dos impactos do turismo. Desse mesmo modo, Gursoy e Rutherford(2004) e Gursoy et al (2010), asseveram que o tempo de residência na comunidade não afeta o apoio dos residentes para o desenvolvimento da atividade turística.

Todavia, há de se ponderar que residentes que estão histórica e emocionalmente ligados a uma determinada comunidade, tendem a se preocupar com o futuro da localidade e a atividade turística pode influenciar essa perspectiva (Gursoy, Jurowski & Uysal, 2002). McCool e Martin (1994) afirmam que existe uma relação fortemente significativa entre o tempo de residência e apego ao lugar.

Vale salientar também que 72,6% dos residentes que têm ocupação relacionada com o turismo apoiam fortemente o desenvolvimento da atividade turística, contra 40,6% dos residentes cujas ocupações não estão relacionadas com o turismo, o que segundo a literatura pode não ter relação direta com o apoio ao desenvolvimento do turismo (Allen, Hafer, Long & Perdue, 1993; Gursoy & Rutherford, 2004; Gursoy et al., 2010). Madrigal (1993) indica que uma vez que os residentes dependam economicamente da atividade

turística, eles terão uma maior propensão a reconhecer os benefícios da atividade e, desse modo, mais inclinados a apoiar o desenvolvimento do turismo. Em consonância, os residentes que não estão diretamente ligados à atividade demonstram uma atitude menos positiva em relação ao apoio ao desenvolvimento do turismo na localidade (Haralambopoulos & Pizam, 1996; Kuvan & Akan, 2005). Kuvan e Akan (2005) também indicam que não só os residentes que tem sua ocupação diretamente relacionada com o turismo demonstram atitudes mais positivas, como também uma menor desaprovação dos efeitos negativo do mesmo, quando comparados aos residentes que têm suas ocupações não relacionadas com a atividade turística.

5 Conclusão

O estudo objetivou realizar uma análise da relação entre o perfil sócio demográfico da comunidade local da Praia da Pipa e seu nível de apoio ao desenvolvimento turístico do destino. Em outras palavras, se pretendia examinar se os aspectos de natureza sócio demográfica da população local deste destino internacionalmente conhecido afeta os níveis de apoio ao desenvolvimento da atividade turística.

Da investigação, conclui-se que o nível de apoio ao desenvolvimento turístico local varia de acordo com o perfil sócio demográfico do respondente. Ou seja, foi possível observar que o gênero feminino possui nível de apoio a atividade inferior aos percentuais apontados pelo sexo masculino, como também que o primeiro gênero mencionado tende a avaliar a atividade turística de modo mais severo que o segundo. Além disso, as pessoas com idade variando entre 24 e 35 anos demonstram maior tendência a apoiar o desenvolvimento turístico, ao passo que vai havendo decréscimo paulatino nos níveis de apoio ao passar dos anos.

Os respondentes de nível médio incompleto e completo tendem a desenvolver percepção mais favorável a atividade turística, seguido em menor medida pelos entrevistados com nível superior incompleto. Já aqueles que afirmaram possuir nível superior completo tiveram tendência a avaliações mais neutras, menos indicativas de valores extremos. Outra conclusão interessante, é que os residentes cujo tempo de moradia na comunidade ainda é recente, ou seja, entre 01 e 07 anos, é elevado. Faz-se relevante ressaltar que esta tendência era esperada para residentes realmente mais novos, uma vez que se conjecturava que a relação afetiva desenvolvida ao longo do tempo junto à comunidade poderia afetar em outro sentido. Por último, observou-se que a parcela de entrevistados que depende financeiramente do turismo, ou seja, trabalha diretamente com a atividade indicou tendência expressiva ao apoio do desenvolvimento turístico da localidade. Embora seja relevante também que quase metade da população que não depende de forma direta dos rendimentos econômicos do turismo também demonstra níveis elevados de apoio a atividade turística em sua comunidade.

Referências bibliográficas

- Allen, I. R., Hafer, H. R., Long, P. T., & Perdue, R. R. (1993). Rural residents' attitudes toward recreation and tourism development. *Journal of Travel Research*, v.31, n.4, p. 27–33.
- Andereck, K. L., Valentine, K. M., Knopf, R. C. & Vogt, C. A. (2005). Residents' perceptions of community tourism impacts. *Annals of Tourism Research*, v.32, n. 4, p. 1056–1076.
- Andereck, K.L, & Nyaupane, G. P. (2011). Exploring the nature of tourism and quality of life perceptions among residents. *Journal of Travel Research*, v. 50, n.3, p. 248–260.
- Ap, J. (1992). Residents' perceptions on tourism impacts. *Annals of Tourism Research*, v.19, n.4, p. 665–690.
- Ayers, J. S., & Potter, H. R. (1989). Attitudes towards community change: A comparison between rural leaders and community residents. *Journal of the Community Development Society*, v. 20, n. 1, p. 1-18.
- Baloglu, S., & McCleary, K. (1999). Model of destination image formation. *Annals of Tourism Research*, v. 26, n. 4, p. 868–897.
- Brougham, J. E. (1978). *Resident attitudes towards the impact of tourism in Sleat*. Ph.D., The University of Western Ontario (Canada).
- Brunt, P., & Courtney, P. (1999). Host Perceptions of Sociocultural Impacts. *Annals of Tourism Research*. p. 493–515.
- Bujosa, A., & Rosselló, J. (2007). Modelling environmental attitudes toward tourism. *Tourism Management*, v. 28, p. 688–695.
- Canan, P., & Hennessy, M. (1989). The growth machine, tourism and the selling of culture. *Sociological Perspectives*, v. 32, n. 2, p. 227-243.
- Choi, H. C., & Sirakaya, E. (2005). Measuring Residents' Attitude toward Sustainable Tourism: Development of Sustainable Tourism Attitude Scale. *Journal of Travel Research*, v. 43, 380-394.
- Fried, M. (1963). *Grieving for a lost home*. En Duhl, L. J. (edi.). *The Urban Condition*. New York: Basic Books, 151-171.
- Giuliani, V (2002). Theory of attachment and place attachment. En Bonnes, M., Lee, T., & Bonaiuto, M. (edi.). *Psychological Theories for Environmental Issues*. Ashgate, Aldershot.
- Goudy, W. J. (1990). Community attachment in rural region. *Rural Sociology*, v. 55, p. 178-198.
- Gursoy, D, & Rutherford, D.G. (2004). Host attitudes toward tourism: An improved structural model. *Annals of Tourism Research*, v. 31, p. 495–516.
- Gursoy, D., Chi, C. G., & Dyer, P. (2010). Local's attitudes toward mass and alternative tourism: The case of Sunshine Coast, Australia. *Journal of Travel Research*, v. 49, n. 3, p. 381–394.
- Haralambopoulos, N., & Pizam, A. (1996). Perceived impacts of tourism: The case of Samos. *Annals of Tourism Research*, v. 23, p. 503–526.
- Harvey, M. J., Hunt, J., & Harris, C. C. (1995). Gender and community tourism dependence level. *Annals of Tourism Research*, v. 22, n. 2, p. 349–366.
- Hernández, S., Cohen, J., & García, H. (1996). Residents' attitudes towards an instant resort enclave. *Annals of Tourism Research*, v. 23, p. 755–779.
- Hidalgo M. C., & Hernandez, B. A. (2001). Place attachment: conceptual and empirical questions. *Journal of Environmental Psychology*, v. 21, p. 273–281.

- Huh, C., & Vogt, C. A. (2008). Changes in residents' attitudes toward tourism over time: A cohort analytical approach. *Journal of Travel Research*, v. 46, p. 446–45.
- Jurowski, C. (1994). *The Interplay of Elements Affecting Host Community Resident Attitudes toward Tourism: A Path Analytic Approach*. Ph.D. dissertation in Hospitality and Tourism, Virginia Polytechnic Institute and State University.
- Kim, K., Uysal, M., & Sirgy, M. J. (2013). How does tourism in a community impact the quality of life of community residents? *Tourism Management*, v. 36, n. 9, p. 527-540.
- Kuvan, Y., & Akan, P. (2005). Residents' attitudes toward general and forest-related impacts of tourism: The case of Belek, Antalya. *Tourism Management*, v. 26, p. 691–706.
- Kyle, G., & Mowen, A. J. (2004). An examination of the leisure involvement–agency commitment relationship. *Journal of Leisure Research*, v. 37, n. 3, p. 342–363.
- Lee, C., Kang, S. K., & Long, P.; Reisinger, Y. (2010). Residents' perceptions of casino impacts: A comparative study. *Tourism Management*, v. 31, p. 189–201.
- Lepp, A. (2007). Residents' attitudes towards tourism in Bigodi village, Uganda. *Tourism Management*, v. 28, p. 876–885.
- Liu, J., Shedon, P., & Var, T. (1987). Residents Perceptions of the Environmental Impacts of Tourism. *Annals of Tourism Research*. p. 17–37.
- Long, P., Perdue, R., & Allen, L. (1990). Rural resident tourism perceptions and attitudes by community level of tourism. *Journal of Travel Research*. p. 3–9.
- Mason, P., & Cheyne, J. (2000). Resident's attitudes to proposed tourism development. *Annals of Tourism Research*, v. 27, n. 2, p. 391-411.
- McCool, S. F., & Martin, S. R. (1994). Community attachment and attitudes toward tourism development. *Journal of Travel Research*, n. 32, v. 3, p. 29-34.
- Murphy, P. A., & Watson, W. (1995). Winner, losers and curate's eggs: Urban and regional outcomes of Australian economic restructuring 1971–1991. *Geoforum*, v. 26, n.4, p 337–349.
- Murphy, P. (1985). *Tourism: A community approach*. Routledge, New York, 1985.
- Nunkoo, R., & Gursoy, D. (2012). Residents' support for tourism an identity perspective. *Annals of Tourism Research*, v. 39, n. 1, p. 243–268.
- Nunkoo, R., & Ramkissoon, H. (2010). Modeling community support for a proposed integrated resort project. *Journal of Sustainable Tourism*, v. 18, n. 2, p. 257-277.
- Pearce, P. L., Moscardo, G., & ROSS, G. F. (1996). *Tourism community relationships*. Tunbridge Wells, Kent: Pergamon.
- Perdue, R. R., Long, P. T., & Allen, L. (1990). Resident support for tourism development. *Annals of Tourism Research*, v. 17, n. 4, p. 586-599.
- Prayag, G. (2010). Images as pull factors of a tourist destination: A factor-cluster segmentation analysis. *Tourism Analysis*, v. 15, p. 1–14.
- Prayag, G., & Ryan, C. (2011). The relationship between the push & pull attributes of a tourist destination: The role of nationality. An analytical qualitative research approach. *Current Issues in Tourism*, v. 14, p. 121–143.
- Ritchie, J. R. B. (1988). Consensus policy formulation in tourism: Measuring resident views via survey research. *Tourism Management*, v. 9, n. 3, p 199–212.

- San Martín, H., & Rodríguez Del Bosque, I. A. (2008). Exploring the cognitive — Affective nature of destination image and the role of psychological factors in its formation. *Tourism Management*, v. 29, p. 263–277.
- Sheldon, P., & Abenoja, T. (2001). Resident Attitudes in a Mature Destination: the Case of Waikiki. *Tourism Management*. p. 435–443, 2001.
- Sheldon, P., & Var, T. (1984). Resident attitudes to tourism in North Wales. *Tourism Management*, v. 5, n. 1, p. 40-47.
- Skidmore, W. (1975). *Theoretical thinking in sociology*. Cambridge University Press, London.
- Sutton, W. (1967). Travel and Understanding: Notes on the Social Structure of Touring. *Journal of Comparative Sociology*. v. 8, p. 217-223.
- Teye, V., Sönmez, S. F., & Sirakaya, E. (2002). Residents' attitudes toward tourism development. *Annals of Tourism Research*, v. 29, n.3, p. 668–688.
- Turker, N., & Ozturk, S. (2013). Perceptions of residents towards the impacts of tourism in the Küre Mountains National Park, Turkey. *International Journal of Business and Social Science*, v. 4, n. 2, p. 45-58.
- Um, S. & Crompton, J. L. (1987). Measuring Resident's Attachment Levels in a Host Community, *Journal of Travel Research*, v. 26, n. 2, p. 27-29.
- Vargas-Sánchez, A., De Los Ángeles Plaza-Mejía, M. & Porrás-Bueno, N. (2009). Understanding residents' attitudes toward the development of industrial tourism in a former mining, *Journal of Travel Research*, v. 47, n. 3, p. 373-387.
- Walker, A. J. E., & Ryan, R. L. (2008). Place attachment and landscape preservation in rural New England: a maine case study. *Landscape and Urban Planning*, v.86, n. 2, p.141-152.
- Williams, D. W., Patterson, M. E., Roggenbuck, J. W., & Watson, A. E. (1992). Beyond the commodity metaphor: examining emotional and symbolic attachment to place. *Leisure Sciences*, v. 14, p. 29-46.
- Williams, J., & Lawson, R. (2001). Community issues and resident opinions of tourism. *Annals of Tourism Research*, v. 28, n. 2, p. 269-290.
- Yoon, Y; Gursoy, D., & Chen, J. S. (2001). Validating a tourism development theory with structural equation modeling. *Tourism Management*, v. 22, p. 363–372.